



♥ Uma colcha para a Avó ♥♥

Deitamos um último olhar à casa vazia da minha avó, na Rua dos Plátanos, que continua a cheirar a sopa de legumes, pão fresco e cera de abelhas.

– Vivi aqui durante quase toda a minha vida – diz a minha avó. – Infelizmente, a falta de saúde obriga-me a ir embora...

– Tenho a certeza de que a tua vida nesta casa foi longa e boa – digo, tentando consolá-la.

As caixas que contêm os bens da avó estão guardadas na nossa cave. São muitas caixas, porque ela nunca deixava nada fora. Até conservou os vestidos antigos que usava, e as camisas que o meu avô vestia para fazer biscates em casa. Existem também inúmeras fitas, rendas, cortinas e colchas.

A avó está à janela da cozinha a olhar para o jardim.

– Milita, Mãe, são horas! – chama a minha mãe.

Sáimos de casa.



A partir de agora, a minha avó vai passar a morar na Residência Sênior Rio Lindo.

Mal ela se encontra confortavelmente instalada no novo quarto, a minha mãe pergunta-lhe:

– O que achas da residência?

A minha avó olha pela janela e observa o rio ladeado de chorões.

– Sabes, a vista não era espetacular na Rua dos Plátanos. Aqui é muito melhor.

Mas a Sra. Mostowyk cumprimentava-me sempre que pendurava a roupa no estendal.

Juntas, fazemos uma visita guiada ao edifício, e vamos ter a uma enorme cozinha, onde vemos um cozinheiro ocupado a preparar refeições.

A minha mãe lembra à avó que já não vai precisar de cozinhar.

– Mas eu adoro cozinhar – insiste ela. – O teu pai sempre disse que eu era imbatível a fazer strudel.

– Podes fazer strudel em nossa casa – lembro-lhe.

A minha avó sorri e faz-me uma festa na mão.

Sinceramente, acho a Residência Sênior Rio Lindo magnífica. Está cheia de flores por todo o lado, e vimos que existe uma sala onde se pode pintar e outra onde

se pode fazer cerâmica. Também tem uma biblioteca e um grande quadro de informações, onde anunciam que, às quartas-feiras, se pode jogar bólingue!

Antes de terminarmos o nosso passeio, a avó queixa-se de que está um pouco cansada e diz que quer ir deitar-se.



No caminho de regresso, a minha mãe mantém-se em silêncio.

— Acho que a avó não gosta da nova casa. Acho que já tem saudades da Rua dos Plátanos — digo.

Embora a minha mãe pareça querer chorar, tranquiliza-me:

— Não te preocupes, Milita, vai correr tudo bem.

E, à semelhança da avó, faz-me uma festa na mão.



A minha avó diz que passa os dias sentada numa cadeira, a um canto do quarto.

Também diz que a comida tem um gosto estranho, que ninguém sabe fazer strudel, e que servem favas duas vezes por semana.

Queixa-se ainda de que não dorme tão bem como na sua antiga cama...



Quando fala dos outros idosos, a avó diz que se comportam como “um bando de patetas”.

— Patetas! Mas que nome engraçado! — comento.

Mas, sinceramente, acho que a minha avó ainda não viu que todos querem ser seus amigos!



Em casa, a minha mãe e eu fazemos duas pilhas com as coisas da minha avó: uma pilha para guardar e outra para dar.

Foi a minha avó que pediu que escolhêssemos.

Pergunto:

– Não podemos ficar com tudo?

– Ó Milita! – ri-se a minha mãe. – Pareces mesmo a tua avó!

Experimento algumas roupas e chapéus velhos e cómicos. E mostro à minha mãe uma camisa de flanela com os punhos manchados de tinta que era do meu avô. A minha mãe acaricia-a com ternura.

– Não percebo porque é que a tua avó guardou estas cortinas da cozinha – admira-se a minha mãe.

– Talvez lhe façam lembrar a casa dela – sugiro.

– Isto era teu quando eras pequena, Milita – diz a minha mãe, desdobrando uma mantinha desbotada.

No meio de tantas coisas, até descobrimos o vestido que a minha mãe usou no seu primeiro recital de piano...



No final do dia, resta apenas uma pilha. E são tudo coisas para guardar...

Só falta desempacotar uma caixa, dentro da qual está uma colcha de retalhos esbatida.

– A tua avó costurou-a com as camisas velhas do meu pai – explica a minha mãe.

Proponho à minha mãe:

– E se fizéssemos uma colcha com todas as coisas de que a avó gostava na antiga casa?

– Que menina tão criativa me saíste! – diz ela, abraçando-me.

Durante semanas a fio, trabalhamos na colcha. Aprendo a cortar o tecido e a fazer bem as costuras. As pontas dos meus dedos estão doridas por causa da agulha afiada.

– Não há dúvida de que nos meteste numa bela aventura! – declara a minha mãe, rindo.



É a primeira vez que a vejo alegre desde que a avó saiu da Rua dos Plátanos...



Gostaria que a colcha fosse uma surpresa, mas sei que é difícil guardar segredo.

A avó continua a queixar-se.
O quarto é gelado de dia e
quentíssimo à noite.

As flores do corredor fazem-na
espirrar.

As pistas de bólingue não são
lisas e os sapatos que tem de alugar
cheiram mal.

— Não te preocupes, Avó —
tranquilizo-a. — Vai correr tudo bem.

E faço-lhe uma festinha na mão.



A colcha fica finalmente pronta.

Sustenho a respiração enquanto a avó remove o papel de embrulho.

Quando tira a colcha da caixa e a coloca na cama, toca nas minhas costuras com
a ponta dos dedos.



A minha mãe bordou uma casa semelhante à da Rua dos Plátanos. Tem um forno para cozer strudel, uma janela com cortinas com vista para a casa da Sra. Mostowyk, e vê-se a avó a acenar para a vizinha.

A avó conta-me uma história sobre cada um dos quadrados da colcha.

Lembra-se do quanto dançou no seu casamento, dos dias em que marcava o tempo quando a minha mãe tocava piano, e também se lembra do dia em que nasci e me embrulhou num lindo cobertor.

— Esta colcha é linda! — maravilha-se a minha avó. — Foi cosida com amor...



A avó está mais animada, porque ouviu dizer que a Sra. Mostowyk deve estar quase a mudar-se para a residência.

Sempre que o cozinheiro tira folga, deixam-na fazer sopa de legumes e strudel e todos a elogiam. Quanto ao bólingue, decidiu comprar uns sapatos só para ela.

Confessa-me que, quando sente saudades da Rua dos Plátanos, se embrulha na colcha e se sente logo em casa!

Paulette Bourgeois ; Stéphane Jorisch (ill.)
Une courtepointe pour grand-maman
Éditions Scholastic, 2001
(Tradução e adaptação)